

Oriente/Ocidente: memórias da imigração no relato de Salim Miguel

Ms. Ana Cláudia de Oliveira da Silva¹ (UFSM)

Resumo:

Nur na escuridão (1999) conta a história de uma família de libaneses que decide abandonar sua terra natal e emigrar rumo às Américas, buscando melhores condições de vida. A travessia dessa família entre mundos tão distintos, como são o Oriente e o Ocidente, constitui-se como marca indelével no modo de ser e sentir das personagens e do próprio narrador. A partir dessas considerações iniciais, este trabalho busca verificar na narrativa a função do narrador e sua relação com o discurso memorialista, sem esquecer a temática da imigração e do deslocamento, visto que eles constituem-se, mesmo que de forma transversal, em chave de leitura.

Palavras-chave: narrador; memória; imigração; deslocamento; *Nur na escuridão*

1. Introdução

Na cena literária contemporânea são recorrentes as narrativas que elegem a imigração como tema, trazendo à frente do “palco” figuras até então relegadas aos bastidores. São figuras de exilados, imigrantes ou desterrados que, de uma situação periférica, passam ao centro da narrativa, assumem a narração do relato e contam sua própria história.

Para Edward Said, isso talvez ocorra, visto a necessidade urgente que os exilados têm de “reconstituir suas vidas rompidas” (2003, p. 50), criando um mundo somente deles para governar. Por esta razão, não é de se estranhar que tantos exilados sejam romancistas. George Lukács já dizia que o romance era a forma da “ausência de uma pátria transcendental”, portanto, ele existe porque outros mundos podem existir como alternativas para errantes, exilados, deslocados. Desse modo, o único lar disponível agora, embora frágil e vulnerável, encontra-se na escrita.

Aliado ao deslocamento físico, a figura do exilado e sua representação no espaço literário põem em evidência uma complexidade e uma pluralidade de olhares. Isso por que o imigrante, além de atravessar fronteiras geográficas, “rompe barreiras do pensamento e da experiência” (SAID, 2003, p. 58) ao transitar entre duas culturas diferentes. Nesse processo, ele adquire uma consciência contrapontística, de dimensões simultâneas, pois suas experiências na nova terra ocorrem contra o pano de fundo da memória de sua vivência em outro ambiente.

Nesse cenário, de travessia entre mundos, culturas e tradições, é que se inscreve a narrativa de Salim Miguel, bem como a sua própria experiência de vida enquanto imigrante árabe. *Nur na escuridão* (MIGUEL, 2004a)¹ conta a história de uma família de libaneses que decide abandonar sua terra natal e emigrar rumo às Américas, buscando melhores condições de vida. A travessia dessa família entre mundos tão distintos, como são o Oriente e o Ocidente, constitui-se como marca indelével no modo de ser e sentir das personagens e do próprio narrador.

¹ Todas as demais referências ao livro *Nur na escuridão*, de Salim Miguel, serão retiradas dessa edição e virão acompanhadas apenas do número da página.

2. Salim Miguel e a Literatura

Salim Miguel, além de escritor, é jornalista, crítico literário e editor. Ele nasceu em *Kfarssouroun*, pequena aldeia do atual Líbano, mas emigrou para o Brasil, junto com sua família, no ano de 1927, quando tinha apenas três anos de idade. Desde então, a família peregrinou por algumas cidades brasileiras até estabelecer-se, definitivamente, em Santa Catarina, onde o jovem participaria do Grupo Sul, precursor do movimento modernista, em fins da década de quarenta, naquela região.

Publicou seu primeiro livro em 1951, *Velhice e outros contos*, e desde então não parou mais, contando atualmente com mais de 30 títulos, entre romances, contos e crítica até roteiros cinematográficos. No entanto, ainda é um escritor pouco conhecido do grande público e no meio acadêmico, salvo dentro de seu próprio Estado, mesmo tendo recebido importantes prêmios pelo seu fazer literário.

Independente da forma escolhida, o autor parece manter-se fiel a uma espécie de programação que fez a si mesmo e que surge explicitado nos seus primeiros trabalhos, como se pode depreender a partir do conto *Velhice dois*: “Ficava-me a pensar que meus trabalhos sempre se haviam baseado em fatos verídicos, metamorfoseados, é claro. Dificilmente conseguia algo de outra forma”. (MIGUEL, 2004b, p. 79)

Portanto, para ele a literatura não é simplesmente um documentário ou uma cópia fiel da realidade, mas *recriação*. “Uma recriação na qual o autor, além de situar o problema e apresentá-lo, deu a sua visão das coisas, arquitetou fragmentos de situações, completou o que a vida deixara interrompido e interrompeu o que a vida completara”. (HOHLFELDT, 1985, p. 138)

Por essa razão, Salim Miguel declara que em *Nur na escuridão* misturou fatos reais com ficção para mostrar não apenas a história de sua família rumo ao Brasil, mas principalmente a trajetória de tantas outras famílias como a sua, que ali poderiam ver-se refletidas. Entretanto, para o autor, isso não significa que determinada situação ou acontecimento tenha sido vivido pelo sujeito ou mesmo presenciado por ele, posto que se aprende das maneiras mais diversas e algo, intimamente recolhido, até mesmo esquecido, de repente pode vir à tona como que acionado por uma faísca qualquer. Nesse contexto a memória ocupa um papel importante como atualizadora e revitalizadora da experiência vivida ou imaginada.

3. O artesão das memórias: fragmentos dispersos no escuro passado

Nur na escuridão apresenta, por meio de um intrincado jogo memorialístico, que alterna fatos, tempos e lugares, a saga de uma família de imigrantes libaneses que decide abandonar sua terra natal e emigrar rumo às Américas, buscando melhores condições de vida. O grupo familiar é composto pelo pai, Yussef Miguel, – que acabou tornando-se José, ou melhor, Seu Zé –, a mãe, Tamina, seu irmão Hanna/João e os sete filhos: Salim, Fádua, Hend, Jorge, Sayde, Fauzi e Samir. Os três primeiros, nascidos ainda no Líbano, vieram junto com os pais e o tio na tumultuada viagem para o Brasil. A travessia dessa família entre mundos tão distintos, como são o Oriente e o Ocidente, constitui-se como marca indelével no modo de ser e sentir das personagens e do próprio narrador.

Nur, vocábulo árabe que compõe o título e significa luz, será a primeira palavra aprendida no novo País por Yussef: “palavra que jamais esqueceria e [que] lhe abre as portas do novo mundo” (p.2). A luz será uma busca constante em meio à escuridão do passado, das memórias incompletas, perdidas no “mais fundo do tempo”, no “escuro abismo” (p.15). Esforço empreendido não apenas pelas personagens que rememoram, mas também pelo narrador, que procura, “com pertinente monotonia, em busca de uma ilusória eficácia, [...] unir os fios, harmonicamente se possível”. (p.166)

Dessa forma, cabe a essa “antiga personagem, hoje desaparecida do narrador, uma tarefa sempre atual: a da *apokatastasis* (restauração)” (GAGNEBIN, 2007, p.62-63) de um passado que sem isso desapareceria no silêncio e no esquecimento. Assim, se a faculdade de intercambiar experiências, outrora existente, tornou-se problemática, impossibilitando sua narração de forma plena, restou ao narrador recolher os resquícios dessa história, organizando-a de modo a formar um todo compreensível, embora fragmentado. Será exatamente isso que o narrador de *Nur na escuridão* irá fazer ao recolher as memórias dispersas dessa família de imigrantes libaneses, transformando-as numa história comum.

No entanto, ao realizar tal tarefa, o narrador de *Nur*, que alterna seu relato com pequenos trechos da autobiografia de Yussef, apresenta-se predominantemente na terceira pessoa, mudando em determinados momentos para a primeira pessoa do plural. A escolha desse narrador supostamente “objetivo”, para narrar uma história pessoal, de memórias familiares, causa estranheza. Conforme se percebe na abertura do primeiro capítulo, em que há a marcação de uma cena inaugural, o desembarque de uma família de imigrantes no Brasil:

Anoitece.

Seis pessoas: três adultos, três crianças. Os adultos: faixa dos vinte anos. As crianças: a mais nova com menos de seis meses, o mais velho com pouco mais de três anos. Pai, mãe, tio, duas meninas, um menino.

O dia: 18. O mês: maio. O ano: 1927. O local: cais do porto da Praça Mauá. O estado: Rio de Janeiro. O país: Brasil. (p.15)

O acontecimento emblemático representa não apenas a origem do relato, como também o início de uma nova trajetória para o grupo familiar. Fato esse, espécie de situação limítrofe entre dois mundos e duas culturas, que representa a dualidade vivida pelas personagens. A marcação temporal, espacial e das personagens parece remeter a uma linguagem mais próxima do cinema, com suas didascálias. Entretanto, também se pode relacioná-las ao apontamento documental, em que o registro desses detalhes parece funcionar mais como recurso para o próprio narrador, como alguém que esquematiza fatos para não esquecê-los.

No mesmo capítulo, alguns parágrafos depois, o mesmo acontecimento será novamente narrado, agora pela perspectiva de Yussef Miguel:

De novo o pai se cala. Olha para a rua, [...] a janela é, ao mesmo tempo, seu mundo atual e seu passado. Quer se situar, [...] quer que a rua passe a representar o porto, o pasmo, o impasse, o movimento, os carros são navios, o pai acaba de chegar, não, não está ali naquele início de noite, na Av. Rio Branco, 84, Florianópolis, mas outra, outra vez é o anoitecer no cais da Praça Mauá, é sempre o 18 de maio, é o mesmo ano de 1927, é a nova *maksuna* à qual terão que ir se adaptando, terra que precisarão aprender a amar, é o embate entre duas concepções de mundo, de vida. (p.17)

O eterno retorno ao episódio do desembarque representa o ponto de contato entre as duas *maksunas* – o Líbano, país de origem, e o Brasil, terra de destino. Entre-lugar que marcará indefinidamente essa família. Percebe-se, portanto, na narrativa certo binarismo: duas *maksunas*, duas línguas, duas concepções de mundo e de vida. Dualidade presente também no título do livro ao relacionar luz (*nur*) e escuridão. Polos opostos que podem referir-se às personagens: sujeitos cindidos pela sua condição migrante, estrangeiros vivendo em terras estrangeiras. Contudo, a união no título entre uma palavra árabe e outra portuguesa significa algo que foge do simples binarismo e aponta para a convivência pacífica e enriquecedora de culturas, povos e línguas num mesmo espaço, o literário. Local esse privilegiado para a enunciação de vozes até então periféricas e, por isso, recalcadas, como é o caso do migrante.

O narrador, nesses dois fragmentos anteriores, realiza um movimento peculiar, afastando-se e

aproximando-se da matéria narrativa. No primeiro trecho, ele afasta-se do que relata e assume o olhar de um observador distante em relação aos fatos apresentados, sem descrever os personagens além do parentesco e da idade. Já no segundo, ele narra a partir da perspectiva da personagem, adotando uma atitude mais próxima dos acontecimentos e eliminando, dessa forma, a distância entre narração e fato narrado.

Esse duplo movimento realizado pelo narrador, afastando-se e aproximando-se da matéria narrativa, pode ser visualizado melhor no fragmento: “Unida [...] ali está **aquela** família postada indecisa, vinda de tão distante país – e o pai se interroga, de onde a coragem para tudo arriscarem – **arriscarmos?**” (p.18, grifo nosso). Num primeiro momento, ele apresenta a família como “aquela”, pronome demonstrativo que indica um objeto ou pessoa afastada de quem fala. Mas, ao mesmo tempo, coloca-se como membro daquela família ao utilizar o verbo arriscar na primeira pessoa do plural, o que reforça o caráter dramático da cena e representa o impasse e a indecisão de prosseguir.

Pode-se afirmar, a partir disso, que o narrador é sujeito da narrativa, realizando digressões, dialogando com as anotações memorialistas do pai e tentando organizar o relato, e é também sujeito da história, buscando situar-se em meio às atribuições de uma família de emigrados e experimentando a vida em terra estranha.

Além disso, nessa tarefa de recompor os fios dispersos da história familiar, o narrador assume diferentes pontos de vista. Assim, ao invés de contar com apenas um narrador onisciente, em *Nur*, a cada momento, a história é contada a partir do “olhar” de uma das personagens. O narrador recorre a um Outro ou Outros – diferentes perspectivas narrativas – para dizer o que não consegue ou não tem autoridade para enunciar. Ele funciona mais como um organizador desses diferentes “olhares”, dividindo a tarefa de contar com os distintos membros da família, o que confere à narrativa um caráter plural. Conforme se percebe no fragmento abaixo:

O filho assiste às conversas, tem interesse em saber mais, embora se sinta constrangido quando reclamam, então veio do Líbano, começou aprendendo árabe e agora não entende uma frase do idioma de seus antepassados [...]. E fica pensando como tudo é estranho, me vejo e não me vejo aqui [...].

Por vezes sente-se alijado, um intruso, quando começam a conversar só em árabe. [...] Fica preso ao som, a todos os sons, que não lhe são alheios, procura captar o sentido de algumas palavras, mas o entendimento geral lhe foge, nunca consegue apreender as frases e o que significam, e se sabe que *buka* é choro, um choro que agora procura conter, segura o bolo na garganta, aquela *ihadditu* lhe escapa por inteiro. O pai diz, é um teimoso, um cabeça-dura. (p.21-22)

O olhar do filho é que apresenta a cena. São os seus pensamentos, seus sentimentos e o que ele vê ou não naquela situação que são relatados na narrativa. Trata-se aqui do discurso da personagem, embora formalmente expresso pelo narrador, que adota seu ponto de vista. Pode-se perceber nesse fragmento o deslocamento da personagem, pois mesmo tendo nascido no Líbano não se considera um árabe, mas tampouco pode se afirmar brasileiro, no máximo um misto de libanês/brasileiro. Seu sentimento é de estar “fora de lugar”, deslocado em qualquer uma das duas culturas.

Podemos relacionar, portanto, o deslocamento das personagens, decorrente da sua condição migrante, à categoria do narrador, ele também um deslocado em relação à história que narra. Assim, passa a contar o relato dos outros na terceira pessoa, narrando a partir da perspectiva das personagens os fatos passados. Desse modo, consideramos como pertinente a “sexta proposta para o próximo milênio”, sugerida por Ricardo Piglia (2001), visto que na narrativa de Salim Miguel há algo como um impasse, uma impossibilidade de dizer, que faz com que o narrador do relato recorra a um outro, para que aquilo que se conte não seja mera informação, mas tenha a forma da experiência. No caso

de *Nur na escuridão*, essa seria a experiência singular da migração, de se estar entre duas culturas, duas línguas, duas visões de mundo (Oriente/Ocidente).

Para o escritor argentino, o deslocamento e a distância seriam valores que possibilitariam uma enunciação diferenciada, “um espaço para a voz de um outro, que se faz ouvir como possibilidade de reabilitação da memória do vivido”. Nesse contexto, a literatura seria o local por excelência para se fazer ouvir essas outras vozes enunciativas, “vozes de entre-lugar, articulando espaços e culturas diversas, se apresentando na sua singularidade, ao mesmo tempo próxima e distante”. (CURY, 2006, p.306)

Conclusão

O narrador de *Nur* reflete bem essa situação paradoxal. Ele está simultaneamente envolvido e distanciado, deslocado enquanto mediador das falas alheias e do próprio discurso, pois não consegue excluir-se totalmente da história. Nesse sentido, ele cria para si esse lugar privilegiado em relação aos fatos enunciados, às vezes, distante; outras vezes, próximo. Assim, há a construção de um texto ambigualmente próprio e alheio, pessoal e comunitário. Tudo isso porque, como o narrador mesmo enuncia: “Por vezes, o que nos chega nem é memória vivida, é memória de outrem que se nos incorpora reconstituída – e passa a ser nossa. Simulacros apenas? Quem sabe!”. (p.166)

Assim, o artífice, que “herda” da personagem do pai a arte de narrar dos orientais e incorpora componentes e aspectos do contar de Ti Adão, espécie daqueles tipos arcaicos de narradores preconizados por Walter Benjamin – o marinho comerciante e o camponês sedentário –, adquire espontaneamente o “dom” narrativo ao (re)contar as histórias ouvidas, conservando-as do esquecimento. Pois, “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas.” (BENJAMIN, 1994, p.205)

Como enuncia uma das epígrafes do livro, retirada de um poema de Cruz e Souza:

Quando a onda dos desejos inquietantes
Que do peito transborda
Morrer, enfim, nas amplidões distantes,
Recorda-te, recorda...

A partir desse mote inicial, pode-se relacionar a ideia presente no poema com a narrativa de Salim Miguel, qual seja a memória como última alternativa para que os desejos, sentimentos e sonhos, que acompanharam essa família de imigrantes desde a saída de sua terra natal, não sejam esquecidos depois da morte do patriarca Yussef Miguel. Desse modo, pode-se afirmar que a função do narrador de *Nur* é conservar o que foi narrado ao longo da tradição, sendo a memória, portanto, infinita, pois cada nova história enseja outra.

Nesse processo de recuperação do passado é inevitável que existam lacunas, vazios deixados pelo esquecimento, pois o esforço consciente de recordar muitas vezes é inútil. Assim, mesmo que se procure tecer os fios dispersos da memória com pertinente monotonia, com paciência, a reconstrução do todo se torna impossível, apenas um simulacro, uma imagem fugidia de uma totalidade há muito perdida. Mas é exatamente porque existem tais lapsos que é possível falar em uma retomada salvadora do passado, pois o tecido da memória é feito a partir desses dois movimentos: o lembrar e o esquecer, isto é, de luz e escuridão, como destaca o título da narrativa – *Nur (luz) na escuridão*.

Referências Bibliográficas

- 1] BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São

Paulo: Brasiliense, 1994.

- 2] CURY, Maria Zilda F. Memórias da imigração. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó, SC: Argos, 2006.
- 3] HOHLFELDT, Antônio. *A literatura catarinense em busca da identidade: o conto*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. (Coleção Santa Catarina)
- 4] GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- 5] MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Top Books, 2004a.
- 6] _____. *Velhice e outros contos*. 3ª ed. Tubarão: Ed. Unisul, 2004b.
- 7] PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. In: *Margens/Margenes*: Caderno de cultura. n.2, out. 2001. Belo Horizonte/Mar del Plata/Buenos Aires.
- 8] SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

i Autor

Ana Cláudia **DE OLIVEIRA DA SILVA, Ms.**
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
E-mail: clauoli13@yahoo.com.br